

Curso de Pós-Graduação em: O Livro para a infância: Textos, imagens e materialidades

VILMA RIBEIRO GOMES

**O LIVRO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DO BRINCAR:
UMA POSSIBILIDADE PARA O CONHECIMENTO DE SI**

RESUMO

Esse ensaio nasce do desejo de narrar-se no vivido durante o curso: O Livro para a infância: Processos de criação, circulação e mediação contemporâneos, podendo assim repensar o potencial da literatura infantil no adulto por meio de reflexões subjetivas sobre o lugar escolhido para a formação e como a constituição desse lugar influenciou e permitiu que, por suas particularidades se tornasse um lugar de encontro e abrigo para o livros e para as pessoas. Rememorar as experiências e analisar como os afetos despertados pelos livros permitiram o acesso a memórias de infância. Tendo como base o conceito sobre o brincar desenvolvido por Donald Woods Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, postular que o livro para a infância acessado pelo adulto como um objeto de arte, pode ser considerado um território para o brincar, sendo que, o acesso ao estado infantil aparece como uma via possível para o conhecimento de Si. Dessa forma compreender que a literatura infantil, abrigada em lugar fértil pode se apresentar como uma experiência estética capaz de abrir um caminho de regresso ao vivido.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura Infantil. Lugar. Experiência. Adulto. Brincar*

ABSTRACT

This essay is born from the desire to narrate in the lived during the course: The Book for Childhood: Processes of Contemporary Creation, Circulation and Mediation, thus being able to rethink the potential of children's literature in the adult through subjective reflections on the place chosen for. the formation and how the constitution of this place influenced and allowed, by its particularities, to become a meeting place and shelter for books and people. Recall the experiences and analyze how the affections aroused by books allowed access to childhood memories. Based on the concept of play developed by Donald Woods Winnicott, an English pediatrician and psychoanalyst, to postulate that the childhood book accessed by the adult as an art object can be considered a territory for play, and access to The childish state appears as a possible way to know Himself. Thus, we understand that the childish literature, sheltered in a fertile place, can present itself as an aesthetic experience capable of opening a way back to the lived.

KEYWORDS: *Children's literature. Place. Experience. Adult. Playing*

1 INTRODUÇÃO

1.1 Nascedouro

Um convite à escrita para além de registrar, deixar uma marca no mundo, é também um convite à rasura. Sempre gostei de escrever à caneta, penso que não usar o lápis me força a saber que não posso apagar, se dei vida as palavras tenho que me haver com elas, no exercício de ser pela escrita risco o que sobra, marco o que não era bem assim, corto minhas repetições e preciso olhar para as cicatrizes que deixo no texto. Texto ensaio que vai sendo existencial como diz Larrosa (2004). Entre tantas definições no momento presente escolho a que mais se aproxima dessa experiência de ser pela escrita:

(...) que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma coisa pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p.32)

Escrever um registro do percurso de um curso, vai além de escolher as palavras que caem bem nas frases, me preocupar com as concordâncias e encontrar adjetivos que valorizem o que senti, é me desnudar diante do outro, é dizer e saber que não me pertence mais, é me dar ao outro leitor. E nessa entrega ter a possibilidade de me olhar e me constituir num outro que na desestabilização tem a oportunidade de refazer-se, é ser parte do processo:

A formação é como uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada. É uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova é a desestabilização desse próprio alguém. (LARROSA, 2001, p. 53.)

A professora Furlanetto (2009), sobre narrativas de formação vai dizer da importância de narrar-se para a construção subjetiva.

Os relatos deixam de se articular, somente, em torno de ideias e princípios pedagógicos formulados por outros, e passam a incluir experiências marcantes, consideradas fundamentais para seus processos de subjetivação. (FURLANETTO, 2009, p.131)

Dessa forma narrar a experiência seria narrar-se para quem? O que desejo dizer interessaria a alguém? Ou escrevo para mim? Se escrevo para quem sou e converso com as experiências vividas, vou dizer do vivido a mim ou ao mim que se constrói na relação com o outro?

Talvez, não importe para quem escrevo pois guardar no papel pode ser um ato de desapego, porque no devir o texto será do outro, quando o leitor encontrar minhas palavras o que quis dizer não terá durado, foi o que disse no momento, o dizer é mutante, ganha o sentido do instante.

Ainda assim vou correr o risco, riscar no papel as palavras que recebo, sem me importar para que servem, somente entregar. Num ato de doação, expor o vivido através das palavras, mesmo sabendo que elas não duram.

1.2 Fragmentos do início

Para retomar os fragmentos do vivido, volto a quem já fui pela escrita, no diário encontro o texto/desejo do primeiro dia e suas rasuras dizem das expectativas, que agora são lembranças, que rememoro. (LARROSA, 2004) vai dizer que nesse passado o que vou encontrar são fraturas, diferenças, mutações e descontinuidades, sendo assim, essa conversa de narrar o vivido, já não é o que se deu de fato, pois a experiência foi quando vivi, agora é invenção na tentativa de eternizar. Realidade ou invenção, o primeiro dia era de expectativa de encontro. Sim, o desejo de troca com o outro estava presente, mas revisitando o escrito horas antes do primeiro dia de aula entendi que desde o início era desejo de encontro comigo e com a criança que fui.

Era o primeiro dia de aula, e como todos os primeiros dias ainda tive borbulhas na barriga, não era em uma Universidade, Colégio ou num prédio frio e otimizado. Era simplesmente em uma Casa, com campainha, folhas recepcionando na escada, filtro de barro na entrada, chá quentinho no quintal, cadeira de praia para relaxar, janelas que estavam prontas para mostrar, e livros, muitos livros, de todas as cores, texturas, e sabores, de melancia a pitaya.

Assim era A Casa Tombada, casa com nome, feito gente que precisa ser batizada para ter como chamar. Fui encolhendo ao subir as escadas, cheguei pequena, com bastante espaço para alargar.

Então, repito que não sei quem vai contar sobre as experiências do curso, “O livro para a Infância”, se eu ou ela, a menina que vinha comigo e era nutrida pelos livros que habitavam o lugar que eu havia escolhido habitar por um tempo.

Retiro as rasuras do texto, não de mim, reescrevo aqui a inquietação desse mesmo dia, que continua ecoando até o momento, fragmentos do que ganhou vida no papel horas antes do primeiro dia de aula: *Mas hoje. Talvez o único tempo que exista, me permitiu abrir uma janela, o tempo me deu um tempo de desenterrar, acessar o que ficou guardado, arquivado e assim me encontrar com ela, a menina que um dia fui.*

A inquietação chegou comigo até aqui. A literatura para a infância que conheci e saboreei durante a formação era para qual infância? Aquela que habita nos adultos? Seria o encontro com essa infância promovido pelos livros que os tornam remédio para a dor da existência e tem essa característica terapêutica? Como um analista que repete o dito para que você se ouça, pontua para que pare, interpreta seus sonhos para elucidar suas questões, tira o chão com a pergunta que abre sem intenção de resposta.

Dessa forma são os livros, trazem inquietações e fazem pensar, lembrar, continuam dizendo quando você os fecha. Eles não acabam na leitura, duram em você. Eles agem como disparadores de lembrança do vivido acessando o inconsciente? Se oferecem como um lugar de brincar e voltar a ser criança?

Adianto que se houver um desejo de resposta, já podemos nos despedir, ou continue comigo no percurso, para juntos mergulharmos, ou as vezes ficarmos às margens, eu a menina e você nos divertindo na tentativa de continuar sendo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A experiência e o lugar da experiência

Finalizar é sempre complicado, talvez, porque não acredito nos finais. Como terminar se as rasuras insistem em existir em mim? De fato, encerramos algo? Ou o que vivemos vai nos habitar na duração de toda a existência? Nesse jogo de finais busquei o início, e lá estava eu, me procurando menina, no texto escrito, como janela aberta. Então ensaio. Como um *“modo de escrita” normalmente excluído de um espaço de saber*. (LARROSA, 2003, p.103)

Porém, como não pretendo o saber hermético, que responde e fecha, vou abrir janelas, nesse lugar que me permite. Seria esse o motivo da curiosidade, as janelas? Grandes, espaçosas, que ao me debruçar, se eu ali me demorasse, poderiam me contar de mim, ou me atrair em seu esplendor para sair voando esquecida de que não tenho asas, estavam abertas num convite de vem ver o que tem do outro lado da rua, vem conhecer a paisagem desse prisma, perceber a flor que brota na fresta. E, depois, sair vazia, procurando outras paisagens que me preencham. Se por esse ou por outros motivos, não sei, estou aqui a tentar descobrir o porquê decidi habitar esse lugar, que é também, entre tantas outras coisas a habitação de livros que me habitam.

Partindo do pressuposto que ao menos no tempo cronológico fecha-se um ciclo, quero iniciar o fim pelo começo. A escolha, escolhi A Casa Tombada, e é sobre ela que desejo falar, contar, narrar, dizer, descrever, relatar. É sempre assim, essa infinidade de palavras tentando contar e não dando conta do seu tamanho.

Penso na Casa sem tamanho mesmo, a partir de entendê-la como *Lugar de Habitação*. Para olhá-la por esse prisma recorri a (INGOLD, 2017, p.216) que desconstrói as palavras espaço e lugar, usando uma lógica inversa transforma nossa compreensão. Nesse exercício de desconstrução para ampliação da palavra lugar, ele vai contando que os lugares podem existir como bonecas russas, como aquele que contêm e é contido, é nesse sentido que começo a me arriscar dizendo que estar no livro para a infância foi estar contida por uma casa/lugar que abriga

livros que abrigam pessoas. Foi viver a experiência como aquela que nos toca, atravessa e afeta, (LARROSA, 2002, p.121)

Vivi a experiência me tornando território de passagem, e na passividade feita de paixão, paciência e atenção estive aberta, exposta. (LARROSA, 2002, p.121)

Especialmente na disciplina: “O Livro como objeto e sua materialidade”. Entre tecidos e papéis o convite, experimentar, criar, e eu ali menina descalça, revivendo minhas fases, convivendo com meus medos, com minhas rasuras. A ausência do texto que me dava chão, escrever sem palavras, como incitação. Uma outra linguagem que me desafiava, convocava. E eu ali menina/mulher, em luta interior, tentando ser entre tantas a de hoje. Disposta a viver e ser. Que no mergulho pela experiência, brincando livre, soube um pouco mais de Si¹.

Nessa abertura de experimentar, estar no e com o livro, sabendo que eles se desdobram em experimentações, fui me levando a movimentos que permitiram estar nas partes e enxergar o todo, como estar em uma sala, mas saber que também se está numa casa. Era estar no livro que está na Casa, descobrindo um entrelaçamento entre parte do lugar, sendo lugar. Casa e livro contendo e sendo contidos como lugares que se abrem para revelar outros lugares dentro de Si. Lugares que se materializaram em cartas², que resgato, para novamente buscar quem sou.

Por hora refletindo na casa/lugar que abriga, recorro ao significado da palavra lugar que deriva de *sala*, em alemão *raum*, que traduzida por *espaço* na cultura anglo-americana ganham o mesmo sentido. Sala e espaço, porém, são palavras distintas, sala nos traz a noção de compartimento localizado no espaço ilimitado. No entanto, *raum* traduzido por espaço está sempre associado ao sentido de enclausuramento. E quando em nossa cultura se vinculou espaço a sinônimo de lugar, podemos cair no engano de entender lugar como algo fechado em si mesmo. (INGOLD, 2017, p.217).

¹ Refere-se ao Si-mesmo de Winnicott, “(...) o si-mesmo, que não é o ego, é a pessoa que eu sou, que é somente eu (me), que possui uma totalidade baseada na operação do processo maturativo” (DIAS, 2003, p.210)

² Refere-se a três cartas escritas no início e final da disciplina. As cartas são rascunho que não foram revisados, portanto, possuem erros ortográficos e de concordância.(em anexo)

Dessa forma para pensar a Casa como lugar de habitação, passível de experiência, preciso desconstruir essa ideia de lugar vinda da tradição nórdica, e sim pensá-la como habitar uma sala ao ar livre, sem clausura. Como se as delimitações não fizessem crescer paredes, mas abrissem horizontes, sempre com a possibilidade de ser estrada por onde posso ir e voltar.

Divagando sobre a tradução de *raum*, *sala* por espaço e lugar como sinônimos, preciso ficar alerta para a noção de enclausuramento. (INGOLD, 2017, p.117). Vai considerar importante a distinção entre as palavras, não as tendo como contraditórias, mas complementares, vai dizer que nossas vidas não são vividas em um ou em outro lugar, mas sempre no caminho.

Nesse sentido podemos pensar que, quando digo habitar a casa como um lugar, penso em trajetória, onde perambulamos, errantes, não de forma circular, enclausurando nosso próprio saber, mas num caminho aberto. Como diz (INGOLD 2007 p.80), esse caminho se dá na peregrinação, deixando trilhas que no encontro produzem os nós. Os vínculos formados no encontro amarram os caminhos dando densidade ao nó que se constitui no lugar que pode ser habitado, mas não prende, se abre para escolher outros caminhos, que não se fecham em si mesmos, vai permitindo a peregrinação e assim perambulamos nos amarrando e partindo, amarrando ideias e ideais que nos ligam mas não algemam, ao contrário, deixam livre para ir e voltar, pois a Casa como lugar fica sem paredes, aberta, sempre à espera.

Nesse ir e vir delineamos nossos caminhos, no movimento, somos peregrinos que não finalizam a caminhada, errantes rasuramos a existência, ainda rasurados continuamos, pois há sempre outro lugar. Por não me fechar em mim sou linha deixando rastro e desenhando trilhas, costurando o mundo e gerando práticas de peregrinação.

Sendo assim acredito que posso pensar a Casa como um nó, que fabricamos em conjunto quando no cruzamento de nossas peregrinações nos enroscamos em algo comum, o que permite que ancoremos por um tempo até que possamos alçar novos voos e rabiscar novas trilhas, retornando ao nó quando julgar necessário.

Um Nólugar, onde nos emaranhamos com o outro e desejamos habitar. Experienciar. O sentimento entre os habitantes é recorrente, lugar de intimidade, de

troca, de devaneio, de poesia, de encontro consigo mesmo, especificamente em nosso curso, encontro com a infância que nos habita. Encontro que se dá na experiência. Embora cientes da errância necessária, brota o desejo de permanência, de enraizamento, como se ali pudesse ser o nosso “canto no mundo” canto pensado como na infância, que no desamparo ou no medo, logo encontra um lugar protetor. Em *A poética do espaço* (BACHELARD, 1993, p.201) diz que a casa é nosso primeiro mundo, comparada ao grande berço que acolhe, por isso ao revivermos com nossas pares experiências de conforto e acolhimento, brota o desejo de fugir do que nos assusta e permanecer abrigados.

Esse lugar abrigo traria anseio de permanência, pois habitado traz a noção de casa, que permeado pela imaginação constrói paredes para proteção. Nessa casa onde tombamos diante da experiência e fomos atravessados pela literatura infantil nos encontros com nossas infâncias, teríamos sido despertados para o desejo de proteção simbolizado pela casa?

Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (BACHELARD, 1993, p.201)

2.2 O NÓLugar. A literatura infantil como regresso a infância

Um NÓLugar que abriga os livros, a literatura Infantil sendo brincadeira que se leva a sério. Convite. Eu mulher e menina, tímida, rasurada, me abrigo no livro que está sempre como abertura. Para mim o mais especial. O livro ilustrado “Menina Amarrotada”³ é um convite a experienciar o sensível, num jogo de imagem/palavra foi me capturando, possibilitando uma experimentação estética e me proporcionando um regresso. A mim ficaram as marcas do primeiro encontro. Como toda boa literatura o livro me levou a uma experiência estético-reflexiva, uma “aisthesis” o despertamento para o belo, presente no livro/arte que estava em minhas mãos, uma percepção de que tinha algo a mais que eu ainda não tinha enxergado na literatura para a infância.

³ ABREU, Aline, *Menina Amarrotada*, Editora Jujuba-2013 São Paulo

Foi um encontro que inaugurou algo em mim, inaugurou também uma questão. Aquela literatura era para qual infância, a que tinha vivido, a infância que me habita? Ou seria para o adulto que sou? O livro me encontrou, adulto ou criança não sei, aceitei o convite.

Como era possível um livro para criança despertar tantos afetos em uma mulher? Contendo a emoção, fotografo, precisava ter um desses, para ler e reler, encontrar e reencontrar, mergulhar outras vezes na consternação da perda, medo e solidão, conviver com o que me amarrotava, rasura. Tinha vida, presente nas palavras e nas imagens, ainda não sou uma leitora muito boa de imagens, mas na época, era praticamente analfabeta, e não saberia explicar como elas me tocaram, mas o olhar para o papel amassado, e a personagem encolhendo diante da dor, me diminuía também, houve um processo de identificação, a posição fetal a procura do útero que protege.

Senti um desejo enorme de presentear minha filha, minha sobrinha, minha amiga e todas as mulheres amarrotadas que conhecia, vi o livro como uma potência capaz de provocar o inconsciente e assim rememorar o vivido que pode ser elaborado no presente.

A solidão e o medo contidas nas palavras se repetem como um eco nas ilustrações, que com uma robustez própria também vai narrando, como numa sincronia de dois bailarinos que executam seus passos com perfeição, imagem e palavra deixam ouvir a música do vento que chega para amarrotar.

Estava diante de uma obra de arte, sim, que por ser literatura ofereceu as lacunas, os vazios e os silêncios, próprios de um bom livro que não pretende contar tudo, mas abrir outras possibilidades de compreensão do mundo, de Si e do Outro.

Sim. Ele me levou ao território da infância. Habitando os livros como morada, podia brincar, estar em estado infante para vivenciar essa habitação, construída nos Nós que unem estudantes de literatura infantil. Uma experiência particular, ou algo que se repete com quem se entrega, e brincando permite que através das histórias infantis revivamos memórias e lembranças.

Ainda que tenhamos feito parte do Nó, durante o curso, abrigados no tempo da infância, esse NóLugar, sem paredes, amplia o olhar e o campo aberto nos convoca a peregrinação como forma de estar vivo, enquanto estivemos na Casa foi possível acessar nossas memórias infantis e ainda que sem nos dar conta

acessamos o inconsciente, experimentando memórias e momentos catárticos que agiram terapêuticamente em nossos encontros.

Se a casa, o curso e os livros nos deram esse lugar ainda que momentaneamente, podemos pensar que tivemos como benefício habitar um lugar de proteção, podendo ninar o sonhador que reside em nós para sonhar em paz. No devaneio possível somos integrados vivenciando o presente dessa Casa, ligando ao passado chamado infância. Foi então que se fez acessível a criança que me habita vir conversar com o adulto que sou.

Me atrevo a pensar que durante o curso, possivelmente, vivenciamos a Casa como Nó, constituído dos encontros, das trilhas errantes que em peregrinação se encontraram nesse tempo para construir esse lugar de pensar infância e livro. Também acessamos através do sentimento que a Casa e os livros nos proporcionaram, a Nossa Casa Berço, lugar de aconchego e proteção que é difícil deixar, para ir riscar novas trilhas.

Se o NóLugar se constitui habitação e nela vivemos experiências com e a partir dos livros infantis, poderíamos dizer que o que existe nos livros pode ter sido potencializado pelas nossas relações? Que os livros em si mesmos não se constituem como fonte de prazer, riso, encontros e devaneios?

O livro necessitaria de um solo para germinar suas potencialidades? Se assim for, esse NóLugar foi capaz de abrigar a criança interior que se fez presente dialogando com o livro e o adulto. Criamos na relação com a criança que nos habita e com o outro o solo fértil para que as potencialidades do livro aflorassem. Continuamos errantes.

2.3 O livro como território do brincar um caminho para Si mesmo

Vivenciar as experiências durante os dois anos de formação permitiu uma observação de como não só eu, mas a maioria dos adultos reagiam ao livro infantil. Dessas vivências e observações instalou-se uma hipótese. *O livro infantil como um território do brincar.*

Para pensar essa questão recorri à Donald Woods Winnicott pediatra e psicanalista inglês que em seus estudos vai dizer sobre o brincar:

O significado do brincar adquiriu novo colorido para mim a partir dos meus estudos sobre os fenômenos transicionais, remontando-os em todos os seus sutis desenvolvimentos, desde o emprego primitivo de um objeto ou técnica transicional, aos estádios supremos da capacidade de um ser humano para a experiência cultural (WINNICOTT, 1975, p.68)

Não tenho pretensão de discorrer sobre a psicanálise winnicottiana, no entanto, considero importante entendermos o conceito de fenômeno transicional para Winnicott. Sobre o desenvolvimento emocional do bebê, desenvolveu a teoria do objeto transicional⁴ ou fenômeno transicional como aquele que vai preencher o intervalo de tempo em que se dá a tensão do bebê ao se perceber separado do outro. Nesse estágio de separar-se do outro esse território torna-se um espaço potencial entre subjetivo e o objetivo, entre o interno e o externo.

Inicialmente o bebê tem a sensação de onipotência e não se compreende separado do objeto, no entanto a mãe ao ser suficientemente boa⁵, passa a faltar e cria-se a tensão.

É nesse ponto tensional que o objeto transicional vai ajudar o bebê a lidar com sua inabilidade de aceitar a realidade. Ele vai dizer que a criança vai fazer uso do objeto transicional como uma forma de ligação entre esses mundos, essa zona de transição entre o mundo interno e externo, como um lugar de experimentação.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa

⁴ Expressão introduzida por D. W. Winnicott para designar um objeto material que possui um valor eletivo para o lactante ou a criança pequena, particularmente no momento do adormecer (por exemplo, a ponta do cobertor ou lençol, ...)

O recurso a objetos desse tipo é, segundo o autor, um fenômeno normal que permite a criança efetuar a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a “verdadeira relação de objeto”. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2004, P.326)

⁵ A 'mãe' suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. (WINNICOTT, 1975, p. 24)

que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador. (WINNICOTT, 1975, p.30)

Essa experiência na criança vai se dar no mundo da brincadeira onde eles vão tornando-se capazes de simbolizar. “A fim de dar um lugar ao brincar, postulei a existência de um espaço potencial entre mãe e bebê.” (WINNICOTT, 1975, p. 69)

É nesse espaço potencial que a criança se desenvolve e brinca, no entanto, ele descreve o brincar como experiência.

A Característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver. (WINNICOTT, 1975, p.84)

Winnicott vai dizer que no brincar a criança se “perde”. E nós adultos como resolvemos a tensão entre esses mundos?

Imagino que a experiência do curso e do encontro com os livros, se ofereceram como esse território onde foi possível acessar os sentimentos e afetos da infância.

Enquanto adultos, abrigados no Nólugar, brincamos, ligados pela experiência estética de vivenciar os livros como obras de arte, revisitamos nossa infância, no brincar oferecido por eles nos perdemos de quem somos hoje, para reencontrarmos a infância que nos habita a partir da experiência estético/cultural que foi estar no e com os livros. “Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para a experiência cultural” (WINNICOTT, 1975, p. 86)

Como não me propus a responder, mas só me pôr a pensar, termino em aberto com a pergunta que ainda me acompanha. O Livro para a infância, é para qual infância? Se é também para a infância que me habita, os livros se oferecem como território do brincar? Uma experiência, que pode contribuir para o conhecimento de Si?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar momentos especiais da formação, onde os afetos afloraram, foi uma trajetória que se deu no território da subjetividade. A experiência de narrar-se sem a pretensão de responder permitiu avançar sem concluir, fissuras foram se abrindo, inaugurando novas trilhas, que ainda não pude percorrer. Ficaram abertas, como as janelas, convidando.

Essa escolha não me autorizou a dizer do vivido somente os afetos, foi possível compreender o quanto o saber pela experiência é altamente potente no campo da aprendizagem, e o quanto o lugar de formação escolhido influencia o que é estudado. Um NóLugar, abrigo aberto.

Quanto ao tema de investigação, pude avançar na hipótese do livro infantil como território do brincar, a partir de entendê-lo como obra de arte, capaz de proporcionar reflexões sobre o mundo e sobre Si mesmo. Reflexões essas que podem permitir um alargamento entre o subjetivo e o objetivo, espaço potencial, que se pensado através do livro infantil se apresenta como um regresso a infância, e possivelmente a momentos cruciais de formação do Si mesmo.

Ao término do trabalho, a hipótese continua martelando, e o desejo de continuar investigando e abrindo novos caminhos para pensar os efeitos do livro infantil nos adultos, principalmente como uma opção à prática clínica.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Aline. Menina Amarrotada, São Paulo - Editora Jujuba, 2013
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- BARROS, Manoel. Livro sobre nada. Rio de Janeiro - São Paulo: Record. (1996)
- DIAS, Elza Oliveira. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (2003).
- FURLANETTO, Ecleide Cunico. Tomar a palavra: uma possibilidade de formação. **Revista @mbienteeducação**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 128 - 135, mar. 2018. ISSN 1982-8632. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/559>. Acesso em: 23 ago. 2019
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*, Petrópolis: Editora Vozes. (2015)
- LARROSA, J. Literatura, Experiência e Formação. In: COSTA, M.V.(org). *Caminhos Investigativos; novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DPA, (2002).
- LARROSA, J. Aprender de ouvido. In: *Linguagem e educação depois de Babel*, Belo Horizonte: Autêntica, (2004).
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, (2003)
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes. (2004)
- LOBATO, Monteiro. *Memórias de Emília*. Rio de Janeiro: Globo. (2009)
- WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*, rio de janeiro: Imago Editora. (1975)

ANEXOS

Disciplina: UMA HISTÓRIA DA LITERATURA PARA A INFÂNCIA NO BRASIL

Resenha-Afetiva

A “Menina Amarrotada”, um encontro!

O livro ilustrado “Menina Amarrotada” é um convite a experienciar o sensível. Num jogo de imagem/palavra, a obra vai capturando o leitor, possibilitando uma experimentação estética e proporcionando um encontro. É de autoria da escritora e ilustradora Aline Abreu, que vive e trabalha em São Paulo, formada em Artes Visuais pela FAAP e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC.

Além desse livro publicado pela editora Jujuba no ano de 2013, Aline tem mais sete livros. Sua obra é permeada de sensibilidade e delicadeza, que trazem à tona emoções encobertas. Entre outros temas universais, ela trata da questão do sofrimento e a solidão que a perda pode acarretar e, por isso, o livro, continua e provavelmente continuará sendo atual, pois, como um clássico, sempre nos conta algo novo a cada reencontro.

A mim ficaram as marcas do primeiro encontro. Ele se deu n’ A Casa Tombada, num tempo de se abrir para outras possibilidades e de vivenciar experiências com a literatura infantil. Cheguei para um curso - e como sempre acontece - havia livros nos convidando. Ele, o Menina Amarrotada, estava ali, sobre a mesa, despretenso. Aceitei o convite. Nem me sentei. Em pé mesmo, degustei e fui tocada: a menina do livro estava tão viva e transmitia tantos sentimentos que pude vivenciá-los.

Como toda boa literatura, o livro me levou a uma experiência estético-reflexiva, uma “aisthesis” o despertar para o belo, presente no livro/arte que estava em minhas mãos, uma percepção de que tinha algo a mais que eu ainda não tinha enxergado na literatura para a infância.

Foi um encontro que inaugurou algo em mim. Inaugurou também uma questão: aquela literatura era para qual infância? A que tinha vivido, a infância que me habita? Ou seria para o adulto que sou? O livro me encontrou, adulto ou criança não sei, aceitei o convite para estar com ele.

Como era possível um livro para criança despertar tantos afetos em uma mulher? Contendo a emoção, fotografo: precisava ter um desses, para ler e reler, encontrar e reencontrar, mergulhar outras vezes na consternação da perda, medo e solidão, conviver com o que me amarrotava. Tinha vida, presente nas palavras e nas imagens. Ainda não sou uma leitora muito boa de imagens, mas na época, era praticamente analfabeta, e não saberia explicar como elas me tocaram. Mas olhar para o papel amassado, e a personagem encolhendo diante da dor, me diminuía também, houve um processo de identificação, a posição fetal à procura do útero que protege.

Senti um desejo enorme de presentear minha filha, minha sobrinha, minha amiga e todas as mulheres amarrotadas que conhecia. Vi o livro como uma potência capaz de provocar o inconsciente e assim rememorar o vivido que pode ser elaborado no presente.

A solidão e o medo contidas nas palavras se repetem como um eco nas ilustrações, que com uma robustez própria também vai narrando, como numa sincronia de dois bailarinos que executam seus passos com perfeição, imagem e palavra deixam ouvir a música do vento que chega para amarrotar.

Estava diante de uma obra de arte, sim, que por ser literatura ofereceu as lacunas, os vazios e os silêncios, próprios de um bom livro que não pretende contar tudo, mas abrir outras possibilidades de compreensão do mundo, de si e do outro.

E na leitura e reflexão conjunta, eu mãe, ela filha, mas agora também mãe, encontramos na história um fio condutor para uma conversa que poderia desamarrotar. Foi possível, falar de nossas perdas, como as enfrentamos ou não, dos descaminhos e das angústias, da sensação de abandono e orfandade, de reconstrução e significação da maternidade, e perdidas num abraço de reencontro desamarrotamos um tantinho para nos acharmos na complexa relação da maternidade.

E assim “Menina Amarrotada” inaugurou para mim, o lado de lá da literatura Infantil.